
CADEIRA 38

PATRONO

Frederico Augusto Prado de Oliveira

OCUPANTES

João Cunha

Amarílio Novis

Ciro Furtado Sodré

Benedito Sant'Ana da Silva Freire

SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA

YASMIN JAMIL NADAF

Cuiabá, 27 de outubro de 1995

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF, PELO ACADÊMICO JOÃO ANTONIO NETO

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF



Triplo prazer o meu, em sendo mulher, neta e filha de imigrantes árabes e ainda jovem, aos 34 anos, em ser recebida na Casa de Leverger. A minha emoção é inegável. Aquele que conhece a fundo a história de Mato Grosso, conhece também o real valor que esta Casa tem. Valor, aliás, que nunca é por demais lembrar ainda mais quando a Casa dá início às comemorações pela passagem dos seus 75 anos de existência.

E é justamente para eu falar um pouco a respeito dessa história, da cultura escrita que aqui se circunscreve, que tomei a liberdade, Senhor Presidente, de colocar a viola-de-cocho junto a este piano-de-cordas. Reconheço que se trata de uma fórmula bastante simples e bem objetiva de se materializar a expressão, porém ela é um espelho do que sou.

Piano-de-cordas – Signo da cultura clássica, europeizada. Peça indispensável nas Casas de Sobrado dos Barões e sinhazinhas. Vida dos saraus lítero-musicais, muitos deles aqui realizados. Fruto da inspiração da palavra romântica, lírica, dos corações ávidos de amor.

Viola-de-cocho – Signo da cultura popular ribeirinha. Instrumento enraizado nos ranchos de palha do artesão, da rendeira e tecedeira, do tropeiro, do vaqueiro do Pantanal. Alma das ruas e dos espaços abertos da ruralidade e do urbanismo periférico. Fonte da matéria – sonora e escrita – dos nossos folguedos e festas populares – siriri, cururu e dança de São Gonçalo.

Dois signos, como vemos, divergentes, mas coexistentes concomitantemente num só tempo de nossa história - passado e presente – diferenciando-se apenas no seu espaço de atuação para a expressão e revelação de um só objetivo – da alma e da vida da gente de Mato Grosso. A soma dividida destes dois elementos - piano e viola-de-cocho – é o que totaliza no meu entender, o processo cultural em nossa região. E, falar na Academia Mato-Grossense de Letras sem evocar a ambos seria tarefa quase impossível, pois fora ela mesma ao longo dos seus 75 anos um atestado latente dessa equação. Exemplos teríamos muitos aqui para mostrar, mas a brevidade do tempo me fez optar por apenas dois deles. Falo de Antônio Tolentino de Almeida, patrono da Cadeira n. 39, e de Benedito Sant’Ana da Silva Freire, ocupante da Cadeira n. 38 desta Academia. Ao falar de ambos espero não somente comprovar a minha afirmativa, como também, ao lembrar o primeiro, prestar a minha homenagem a todos aqueles que através da palavra escrita deram e dão vida a esta Casa, fazendo a sua história; e ao recordar o segundo centrar ainda mais esta homenagem aos escritores João Cunha, Amarílio Novis e Ciro Furtado Sodré que, ao lado de Freire, ocupam a mesma Cadeira n. 38. Cadeira, por sinal, que com orgulho, hoje venho também assumir nesta Casa, e que tem como patrono Frederico Augusto Prado de Oliveira.

Poeta que valiosa contribuição legou às nossas letras ainda que pouco divulgado, Antônio Tolentino de Almeida é o que se pode chamar de síntese da expressão do romantismo em Mato Grosso. A sua obra cantando o amor, ou a pátria, ou os feitos

históricos de sua região, trazem o mesmo lirismo acentuado, doce e suave como as melodias executadas ao piano na época em que o poeta escreveu os seus versos. Época, por sinal, em que era muito comum os poetas se reunirem em pequenos ou grandes grupos para lerem suas criações literárias ao som de um piano. Dos acordes desse instrumento, tais poetas tiravam a inspiração para comporem seus escritos, que respeitando a um dos princípios básicos norteadores do Movimento Romântico, se expressavam, por sua vez, em ritmos musicados. A letra e a música se acasalavam e o resultado desse casamento é o que se pode comprovar neste poema de Tolentino, extraído de sua obra de título também romântico *Ilusões doiradas!*

Quando partias, sobre o teu seio
Um lindo cravo sangrava então;
Era tão rubro que até julguei-o
Feito do sangue do coração.

Mas ora, que horror! Na despedida
Em vez de cravo deveras ter
A flor saudade, que é bem sentida,
O cravo, filha, só diz prazer.

Que importa o cravo que o orvalho róra?
Que importa a flor que tem mais ternura?
Sei que em tu'alma brilhava a aurora,
Dentro da minha, que noite escura!

Que fosse o cravo... Mas eu quisera
Ver em teus olhos um'outra flor,
Talvez a mágoa que me lacera
Não me causasse tamanha dor.

Mas nem a esmola dos teus olhares,
Nem o sorriso que te pedi!
Fico gemendo tantos prazeres,
Ai! que não sofras, o que eu sofri.

Agora vejam os senhores este outro soneto, um dos mais belos publicados neste mesmo livro:

Se a mágoa que me fere, assim sanhuda,
Um termo não tivesse, p'ra curá-la
Bastava apenas escutar-te a fala,
Se não falasses... ver-te, embora muda:

Pensava assim. Mas, entretanto cala
A mesma dor no coração aguda;
O teu sorriso o meu sofrer não muda,
O teu desdém somente me apunhala.

Devo adorar-te? Devo ser cativo?
Hei de por ti morrer se não me queres,
Sacrificando o coração altivo?

Olha, Senhora, o nosso amor não medra;
Julguei-te um dia a deusa das mulheres,
Porque não vi teu coração de pedra!

Tolentino, como se vê, falou dos seus amores e a eles, expressou sentimentos íntimos que ficam fechados no coração, como fechado também, é o espaço dos salões onde se afinam os acordes do piano. E, como o amor, o tempo não morre, nunca é demais lembrar que ainda hoje, passado um século da existência deste autor, muitos escritores recorrem a sua mesma fórmula de unir a musicalidade à expressão dos seus sentimentos e vice-versa. Porém, como eu disse anteriormente, há aqueles que seguem a uma outra linha. A linha da escrita despojada, telúrica, pluridimensional e escancarada como o som da viola-de-cocho, e Silva Freire é o exemplo eleito, nesta noite, para eu falar a respeito deste grupo.

Postulado fundamental de defesa deste escritor, a liberdade se faz presente de maneira ininterrupta, tanto na construção estrutural – física e psíquica – da composição de sua obra, como no conteúdo temático que nela explorou. Liberdade de deixar as palavras soltas no espaço geográfico branco ou colorido do papel, e com ele estabelecer uma relação de funcionalidade, permitindo ao leitor tirar livremente a cada nova leitura uma nova interpretação. Liberdade na sua inspiração criadora/criativa de escritor em dar vida às coisas, em reinventar a linguagem e em dar nova função e nome ao já definido. E quem dos presentes não conhece tais peculiaridades tão comuns na obra de Freire? Relembremos algumas amostras:

Em *A estrada/rio equilíbrio*

*na razão da estrada
viaja o silêncio noturno
se bolinando na esfregação
verde das margens*

Em *Os oleiros*

*no barreiro
a panela sustenta seu destino
de forma consentida*

Em *Chão/terra/pasto*, um festival de novas designações:

*- quebra-torto é um tapa na fome
- canoa é a impaciência feminina beliscando espelho movediço
- reta é a légua que encolheu
- cigarro de palha é olho aceso na escuridão*

Como falei, a liberdade é também assunto comum e indispensável no conteúdo – prosa e poesia – deste escritor. O próprio homem, de quem Freire se ocupou ao longo de sua obra, é o homem dos espaços abertos, o mesmo espaço aberto de onde nos vem os acordes da viola-de-cocho. Falou do tropeiro, do vaqueiro do Pantanal, do carvoeiro, do garimpeiro, do poiaeiro, do farinheiro e de muitos outros, enfocando-os num processo de inter-relação profunda e contínua de busca de liberdade com os espaços também abertos e livres do cerrado e do pantanal. Freire cantou, ainda, a mesma liberdade à fauna e à flora que congregam estes dois espaços. Observem os senhores:

Em Garimpo da infinitude

*- na eleição profissional do garimpo
o homem
oficia a rejeição
que o liberta do patrão*

Em Canavial

*- o canavial é livre:
homem nenhum ceifou a liberdade
escondida
na rebrotação*

E, em Os Cavalos

*no exercício de crescer
o potrinho
se desata
respira
e
respinga a liberdade que
respinga
e
respira*

Caro Freire, por esta sua incessante busca de uma liberdade sentida, vivida, consentida e pressentida à sua terra e à sua gente, quero entregar a você, nesta noite, esta viola-de-cocho, símbolo da mesma liberdade que buscou em sua obra que extrapolou a sua vida de poeta, fazendo de você próprio um homem livre.

Meus senhores, sei que este é um momento de festa, mas sei também que é um momento de compromisso. Aquele compromisso de fidelidade com o fomento, a

valorização, a preservação e a perpetuação desta mesma história que tentei rapidamente apresentar. Assim, como Mestre na área da literatura, eu não poderia deixar de citar, nesta oportunidade, um dos pontos que julgo ser imprescindível à realização destes ideais. Refiro-me à necessidade de inclusão do ensino da literatura mato-grossense nos currículos de I e II Graus e nível superior. Aspecto que deveria ser visto com mais atenção por parte dos nossos dirigentes educacionais. Neste ponto, eu quero registrar o meu lamento pela recente exclusão da disciplina intitulada *Literatura Mato-grossense* do currículo da Faculdade de Letras da nossa Universidade Federal de Mato Grosso. Universidade, por sinal, onde como integrante de seu Quadro Técnico, fato que me lisonjeia, venho produzindo conhecimento científico, ao lado de seu corpo docente.

Mas esta disciplina, como dizíamos, foi recentemente excluída após ter sido introduzida na década de 70, pela ardorosa luta da professora Isabel Campos, a primeira a lecionar a disciplina na referida instituição. Com a sua exclusão assomam-se consequências inevitáveis. Vou citar apenas duas delas para não cansar aos senhores: o enfraquecimento da política de orientação e formação cultural e literária regionais aos alunos que se voltarão ao ensino das Escolas de I e II Graus, e a redução, ainda maior, do já tão limitado espaço às discussões e análises profundas a respeito da literatura que se produz em nosso chão. E isto, justamente, num momento em que Mato Grosso nos dá mostras de uma efervescente produção literária.

Tenho acompanhado com satisfação o ressurgimento desta efervescência, já demonstrada pela história em épocas anteriores. E, como agente participante deste processo, sei do dever que temos de lutar pelo fortalecimento deste panorama. Precisamos divulgar mais os nossos autores, indicar a leitura de suas obras, cobrar dos agentes governamentais, ações de estímulo à política editorial, tal como a necessidade urgente, em nosso Estado, da regulamentação da Lei de Incentivo à Cultura, a Lei Hermes de Abreu, que inúmeros benefícios trarão a esse terreno. Pois, caso a história insista em andar na contramão, o que iremos dizer a produção dos autores desta Casa representados em minha curta fala pelos nomes Tolentino e Freire? E o que iremos dizer à obra dos demais autores, que apesar de ainda ausentes do Quadro desta Casa, também são protagonistas do processo da criação literária em nossa região? Falo agora dos poemas mundialmente conhecidos e estudados de Wladimir Dias-Pino. Falo da prosa de realismo fantástico de Ricardo Guilherme Dicke e de Tereza Albuês que nos leva a reflexão a respeito da racionalidade imposta pela cultura ocidental. Falo da poesia simultaneamente intimista e existencialista e da crônica de *olhar fotográfico* de Lucinda Nogueira Persona. Falo da bem elaborada escrita literária do poeta-amigo Ivens Cuiabano Scaff que de tão impregnada de elementos de nossa terra, chega a exalar o cheiro gostoso de pequi. Falo dos poemas de cunho social de João Bosco e de Maria das Graças Campos. Falo do semioticismo inusitado de Marília Beatriz de Figueiredo Leite nos ensinando a todo o instante, novas formas de se ler o mundo sem preconceitos. Falo da poesia feminina/feminista de Marilza Ribeiro. Falo da prosa experimental de Aclyse de Mattos e de Hilda Magalhães. Falo da surpreendente, clara e ora comovente e ora bem-humorada literatura infanto-juvenil de Antônio de Pádua e Silva, pronta e própria para

despertar nos primeiros leitores, o gosto pela leitura. E falo, também, da dinâmica produção literária em quadrinhos de Gabriel de Mattos e de Wander Antunes. E poderia ainda continuar falando de muitos outros, pois extensa é a lista daqueles que em Mato Grosso, fazem da escrita literária, exercício do seu dia-a-dia. Salve o Mestre Manoel de Barros - poeta consagrado que, como ele mesmo faz questão de frisar em uma das obras que publicou, vem *de um Cuiabá-garimpo e de ruelas entortadas*.

Mas, se neles falei, é chegado agora o momento de a eles apresentar também a minha sugestão: esta Casa que agora passa a ser efetivamente minha, creio que deveria ser de interesse de moradia de todos eles. Vimos através dos exemplos Tolentino e Freire que ela é Centro de Memória Viva, documento de nossa consciência – passado, presente e futuro. É nosso, portanto, o dever, junto aos que aqui se estabeleceram anteriormente, de preservá-la, como é nosso também, o compromisso de sua continuidade.

Obrigada.